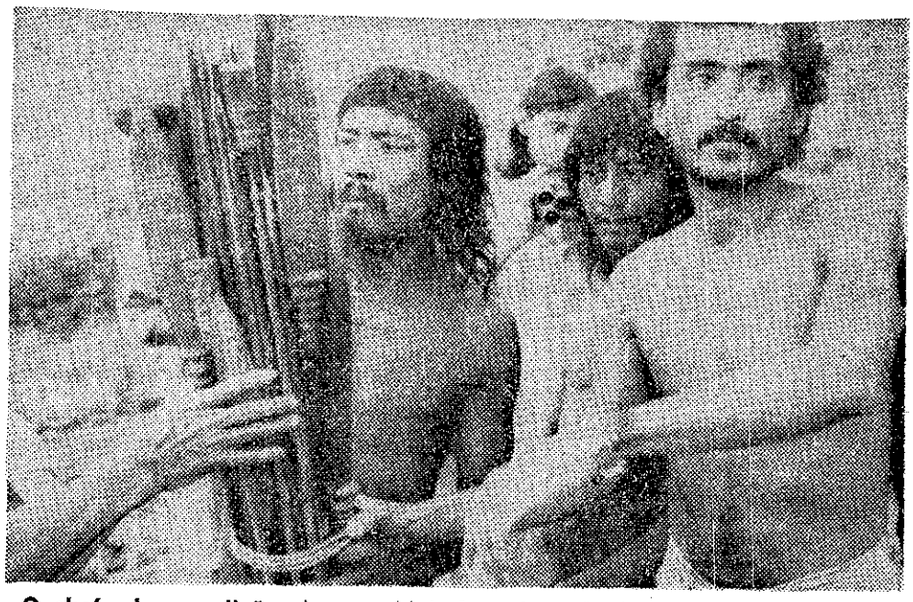
Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo **Class.:** Avá-Canoeiro 38

Data: 07.12.73 **Pg.:** 1ª



O chefe da expedição, Apoena Meireles, chega à aldeia dos Avá-Canoeiros

Apoena chega à aldeia dos índios negros

O que, há alguns dias, parecia quase impossível foi, afinal, conseguido pela expedição chefiada por Apoena Meireles: o primeiro contato pacífico com um grupo de Avá-Canoeiros, conhecidos como índios negros. Quando a expedição chegou à aldeia dos índios nômades, foi recebida a flechadas e teve de soltar rojões para assustá-los. Afinal, os Avá-Canoeiros, que haviam atingido com uma flechada o rosto do xavante Xidauí, depuseram suas armas e aceitaram a paz. (Pág. 6)

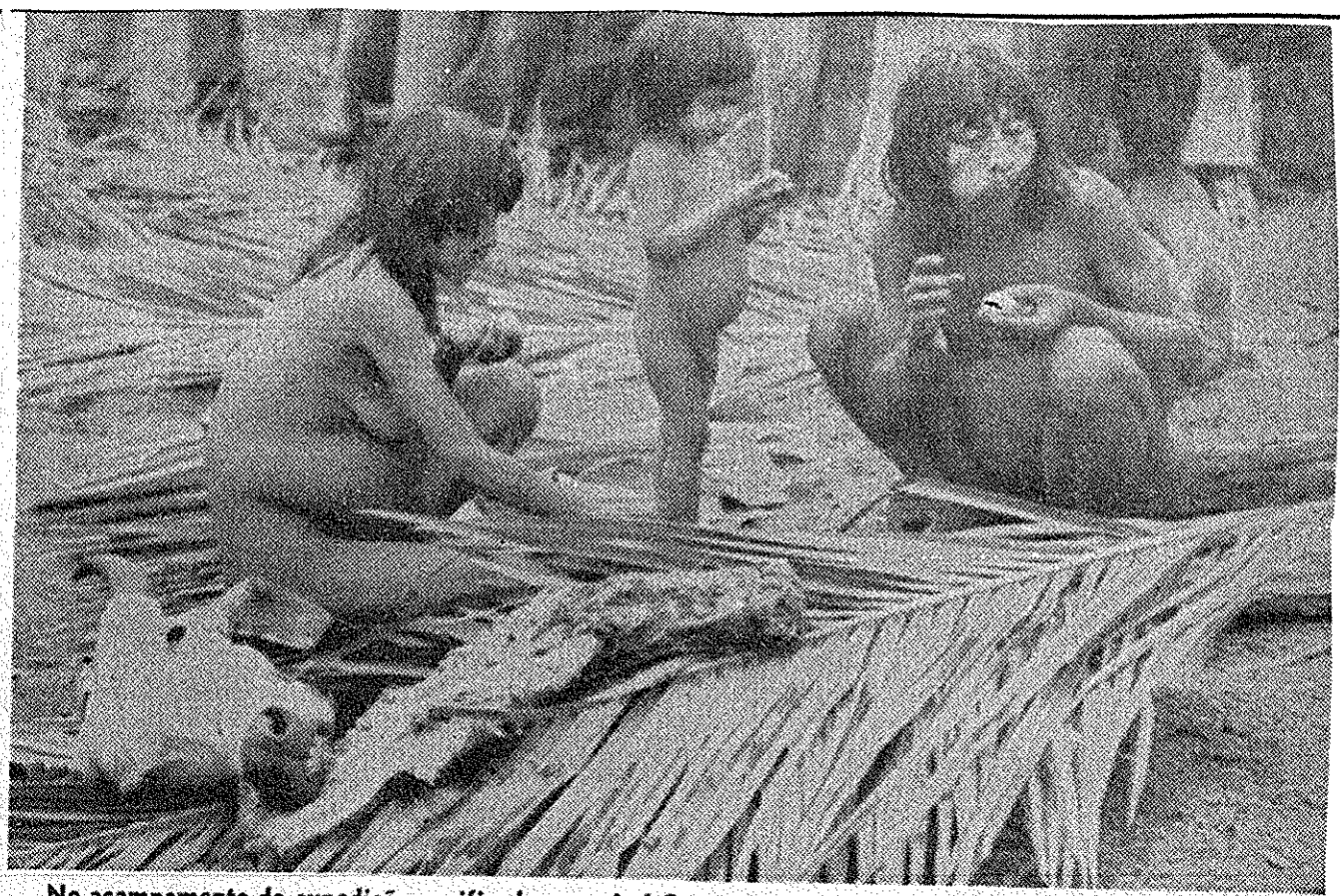
Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Avá Canoeiro

Data: 07.12.73 Pg.: 32 cont.



No acampamento da expedição pacificadora, os Avá Canoeiros ficaram à vontade, comendo carne de boi

Gritos, flechadas e abraços na paz com os Avá-Canoeiros

O GLOBO 07/12/73

FAZENDA CANAUNA, Goiás (De Etevaldo Dias, Erno Schneider e Pedro Martinelli, enviados especiais) — Apoena Meireles entrou na aldeia dos Avá-Canoeiros e foi recebido com uma saraivada de flechas de ponta de aço. O índio xavante Xidaui, que acompanhava a expedição, caiu ferido no rosto. Apoena e seus companheiros então soltaram rojões. Os Avá-Canoeiros jogaram as flechas no chão, e ficaram um pouco confusos. Os Xavantes logo correram e abraçaram os guerreiros Avá-Canoeiros. Estava feita a paz.

Em poucos minutos todos se abraçavam, e as crianças da aldeia deixavam de chorar. Meia hora depois, comiam juntos carne de boi assada.

Na saída, Apoena convidou dois guerreiros, uma mulher e seus dois filhos, que o acompanharam. Andaram 40 quilômetros pela mata. E o índio Xidaui foi trazido numa maca improvisada com varas de caniço.

A expedição dormiu na mata e, na manhã de ontem, chegou à fazenda Canuaná, onde está instalada.

Os Avá-Canoeiros são baixos, bem escuros, mas não descendem de negros: têm cabelos lisos.

Agora os Avá-Canoeiros estão se comportando tranqüilamente no meio dos civilizados, cujos barbas prendem mais sua curiosidade. Pediram roupas, mas Apoena não deu, por entender que eles antes precisam conhecer melhor os civilizados. Quando se espalhou a notícia de que os "Cara-Preta" — como os Avá-Canoeiros são chamados pelos caboclos — haviam sido 'domados", veio gente de toda a redondeza, a cavalo e a pé.

A pacificação

Apoena Meirelles, acompanhado de outro sertanista, José do Carmo Santana ("Zebel"), e dos índios aculturados Manché, Uazaé, Hauí e Idauí, saiu de Goiânia no dia 28 de outubro. A expedição viajou 900 km até a fazenda Anuaná, de propriedade do Bradesco e Pazanelli. A fazenda fica às margens do braço menor do rio Araguaia, a sudeste da Ilha de Bananal, bem perto da aldeia dos índios Carajás.

No início, havia muitos boatos de sertanejos a respeito dos Avá-Canoeiros. Depois, fazendeiros informaram que tiveram seus bois abatidos pelo índios.

E foi usando o índio Manché como rastejador, a partir de um boi abatido nas proximidades da fazenda Canuana, que a expedição descobriu uma aldeia dos "índios negros", a 30 quilômetros.

Apoena, sua esposa Denise, "Zebel" e os xavantes aculturados foram até lá, e, na tarde do dia 28 de novembro, entraram na aldeia, gritando, dançando e pulando. Mas só havia mulheres comendo um boi recentemente abatido. Todas elas fugiram pela mata.

— Usamos esse método pouco comum, porque os Avá-Canoeiros são nômades e muito assustados, e não conseguiríamos cativá-los com o "namoro", isto é, a troca de presentes, como seria o normal. Fomos obrigados a usar um método mais ostensivo, agressivo — explicou o sertanista a O GLOBO.

O contato

Após aquela tentativa frustrada, os Avá-Canoeiros desapareceram. Suas casas são feitas de folha de bananeira brava e de buriti. Eles estão sempre mudando de lugar suas aldeias.

Foi necessário esperar que algum vaqueiro visse restos de boi abatido para ser reiniciada a procura. Como as fazendas da região são muito grandes, e o fazendeiro só percebe o abate de um boi após algum tempo, Apoena ficou parado na Fazenda Canuaná até a semana passada.

Quando um vaqueiro percebeu restos de um boi recém-abatido, Apoena foi chamado. O xavante Manché então foi atrás e conseguiu localizar o grupo novamente.

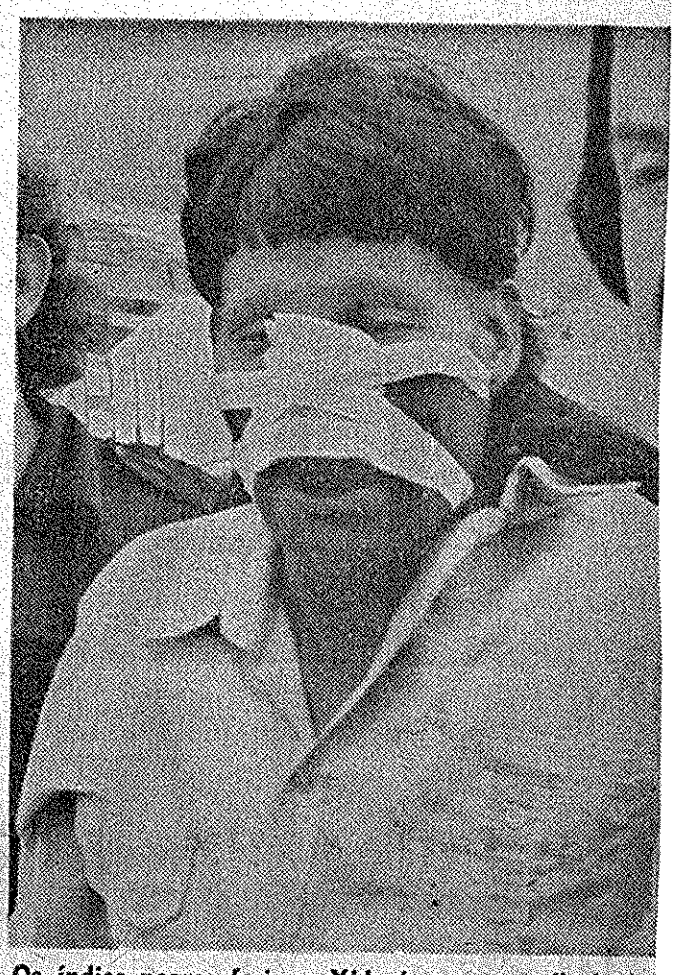
O grupo Avá-Canoeiro estava no "Capão Formoso". Eram poucos, 12 índios apenas — ao que parece, três famílias. Apoena chegou até eles ao amanhecer e não esperou muito tempo. Ele, "Zebel" e os quatro Xavantes logo entraram na aldeia.

Foram gritando, pulando e abrindo as mãos para o alto, mostrando que estavam desarmados. Mas os Avá-Canoeiros foram rápidos: tomaram posição por trás de seus tapiris e dispararam flechadas contra os sertanistas. Eles são os únicos índios que conhecem rudimentos de forja e fazem suas pontas de flecha com aço de ferramenta e tambores roubados de fazendas próximas.

Uma das primeiras flechadas atingiu Xidaui no rosto, mas nem assim houve reação dos pacificadores. O Xavante caiu sangrando, e Apoena então deu ordem para soltar os foguetes. Com os fogos, os índios jogaram suas flechas no chão, e assustados, ficaram em seu refúgio por alguns instantes.

Os Xavantes, mesmo com Xidaui ferido, correram em direção aos Avá-Canoeiros e abraçaram-nos. Houve sorrisos, risadas e muitos abraços. Pouco tempo depois, todos estavam se confraternizando. As mulheres, mais assustadas, com crianças agarradas ao colo, ficaram a uma distância mais segura.

Mas o medo durou pouco. Meia hora depois os Avá-Canoeiros, os civilizados e os Xavantes comemoravam a paz, comendo carne de boi assada sobre um jirau de madeira.



Os índios negros feriram Xidaui com uma flechada

O regresso

Na hora da saída, Apoena insistiu, e dois Avá-Canoeiros aceitaram o convite para segui-lo, levando também uma mulher e seus dois filhos. Era a prova definitiva de que os índios ganharam a confiança dos civilizados. E o xavante ferido foi carregado numa maca para evitar maior perda de sangue, já que seu corte sangrava muito.

A caminhada nos 40 km, até a fazenda Canuaná, foi muito penosa.

A expedição parou num local chamado "Capão de Areia" onde havia instalado uma espécie de sub-base e lá dormiu em tapiris. Os índios Avá-Canoeiros comportaram-se bem durante todo o tempo. Em nenhum momento demonstraram medo e conversaram muito entre si.

Sua língua é desconhecida, mas Apoena acha que tem alguma coisa de tupi. Seus hábitos diferem dos de outros índios. Conhecem artesanato de couro, trabalham com aço e usam facas. Entretanto, vivem completamente nus e sua pintura se resume a leves traços de jenipapo. Não usam brincos e nada nos lábios.

São escuros (não chegam a ser negros) e baixos, têm cabelos lisos e duros, dando a impressão de que levam alguma gordura. Os homens têm barbas ralas e bigodes negros; e as mulheres não têm pelos e não usam tatuagem.

Os cinco "índios negros" foram alvo da curiosidade de todos os trabalhadores e das famílias da região. Até índios Carajás atravessaram o rio e foram ver de perto os "Cara-Preta". No começo, o pessoal da fazenda ficou com certo receio, mas depois perdeu o medo.

Apesar de desinibidos, os Avá-Canoeiros não se mostraram curiosos em relação aos civilizados. Não se interessaram pelo rádio, pelo avião e nem pelo jipe. As barbas grandes dos brancos é que atraíam sua atenção. No resto do dia, ficaram assando e comendo um boi que Apoena mandou matar para eles.

Depois que estiverem mais acostumados com os civilizados, Apoena vai usá-los para atrair outros grupos que estão espalhados por toda a região. Agora, será fácil a pacificação de todos os Avá-Canoeiros, uma tribo que há cinco anos fugia dos sertanistas da Funai.

Índios patrulharão de carro o Xingu

BRASÍLIA (O GLOBO) — A Presidência da Funai determinou, ontem, a aquisição de um carro, que será entregue a um dos postos indígenas do Parque do Xingu, para que os índios possam patrulhar os 40 quilômetros de estrada que cortam o parque.

As autoridades justificaram a compra, dizendo que assim dificilmente haverá conflitos entre índios e os invasores de suas terras. O patrulhamento será feito especificamente na margem esquerda da estrada, limite atual do Parque.

Saída

Os posseiros que se fixaram na margem direita da BR-80 terão que sair da área, pois ela ainda está sob a responsabilidade da Fundação. No local será criado um Parque Florestal da Sudeco.

A Funai informou que o maior problema, porém, não têm sido os posseiros, mas caçadores que vêm de todas as partes do País em busca de uma área onde a caça seja fácil. Para isso, nada melhor do que o Parque do Xingu, de fácil acesso e caça abundante.

A viatura a ser adquirida nas próximas semanas pela Funai deve permanecer durante quase todo o dia vigiando a estrada. E será utilizada para transporte normal necessário aos postos que existem no Xingu.